

# CAPÍTULO PRIMEIRO DOS SIGNOS, *Explicação.*

## RESUMO DO CAPÍTULO

**ESTE** capítulo é composto de duas partes, das quais a primeira faz as vezes de prefácio, enquanto a segunda constitui o início da disquisição. Na primeira parte, Aristóteles faz saber que se há de falar sobre o nome, o verbo, a proposição, e o juízo. Visto que a sua função, comum a todos, é significarem, faz na primeira parte três observações relativas à significação das vozes. Primeiro, que as vozes são signos dos conceitos, e os caracteres escritos, signos das vozes. Segundo, que tanto os caracteres, como as vozes não são os mesmos junto de todos, enquanto os conceitos e as coisas por eles significadas são em toda a parte os mesmos. Terceiro, que a par dos conceitos, alguns dos quais são isentos de verdade e de falsidade, ao passo que outros são verdadeiros ou falsos, os sons falados comportam-se da mesma maneira.

### COMENTÁRIO

a *Em primeiro lugar cumpre definir* ] Ao enumerar os assuntos por tratar, Aristóteles indicou partes como que físicas da enunciação [πρότασις], a saber: o nome e o verbo, em seguida, a enunciação, e por fim o juízo [κρίσις], o qual pertence à metafísica e devia ser mencionado antes. Além disso, em vez de enunciação [πρότασις], escreveu afirmação [φάσις] e negação [ἀπόφασις], que são suas espécies. Que a enunciação tinha de ser determinada era, no entanto, patente, porque constitui o assunto da obra. Acerca do primeiro, parece boa a explicação de Boécio na segunda edição: que não pôs o juízo [κρίσις] no início, como aliás conviria, para evitar que alguém a considerasse como o assunto principal da obra. A propósito do segundo apresenta-se o motivo que alegaremos no início dos Analíticos Anteriores, a afirmação e a negação fazendo parte da definição da proposição [πρότασις]. Decididamente, visto que a diferença própria da enunciação [πρότασις] em geral não é designada, tem que ser explicada por junção de subordinados. Além disso, importava-se muito com a divisão.

Depois quanto ao que discutem S. Tomás e alguns outros, porque nomeia a negação primeira, sendo ela posterior à afirmação, é correcta a solução de Boécio que nega a prioridade da afirmação relativamente à negação, ao considerá-la como uma espécie sob o seu género, o que é demonstrado no começo dos Analíticos Anteriores. Quanto ao porquê da negação, que é a pior das duas iguais, aparecer antes, a resposta é dada por Alberto Magno no 1.º tratado, cap. 3 sobre a oposição negativa, sendo este o capítulo que resume os outros.

Prima Aristotelis suppositio  
b *Os que residem na voz* ] É a primeira tese que evidencia se resumirem no mesmo [os que residem na voz e na escrita] as vozes e os caracteres escritos, como aponta Porfírio. Ainda que Boécio e S. Tomás conjecturem [os que residem na voz] que o Filósofo tivesse desejado indicar que a significação está fora da natureza da voz e funda-se nela. Porém menos correctamente teria podido dizer que a significação seja um sinal; é a voz que é sinal, ainda que por causa da significação. Quanto à escrita, a interpretação é a mesma. A razão de ele chamar impressões aos conceitos e às intelecções, é evidente a partir do que foi dito: com certeza, segundo o que expõe no livro 3. de Anima cap. 4., compreender é ser afectado, porque o intelecto, ao conhecer, recebe em si uma acção.

Alb. Magn.  
c *Atque uti non* ] É a segunda tese. Como todos os homens não usam na escrita os mesmos caracteres, mas muito diversos, o que se manifesta nos gregos e nos latinos, nem usam todos as mesmas vozes na fala. O que a experiência tem tornado sempre mais claro. Se afirma que as impressões, isto é, os conceitos são os mesmos, isto não significa uma identidade numérica, mas específica. Pois não entenderão todos a mesma coisa da mesma maneira, antes esta é mais perfeitamente conhecida por um e menos perfeitamente por outro. Porém, em quem quer que esteja a imagem interna de uma coisa, tal como foi formada, contém a mesma representação, e em si, é igualmente capaz de representar o mesmo para todos. Semelhantemente, ensina que as coisas são as mesmas. O que não se aplique só às coisas naturais, como pretende Alberto no trat. 2. cap. 3.; porque também as coisas artificiais, uma vez produzidas, podem, sem excepção, servir os mesmos fins.

d *Quemadmodum autem* ] A terceira tese. Como alguns conceitos são verdadeiros ou falsos, e outros, de modo nenhum, assim vários sons vocais contém a verdade ou a falsidade, e outros, nenhuma das duas. De facto, ensina que o verdadeiro ou o falso se encontra nos conceitos que apresentam a composição e a divisão. Pela composição, entende proposição afirmativa; isto é, em na qual se atribui alguma coisa a outra coisa. Como Homo est animal [O homem é um animal]. Com o nome divisão, designa uma proposição negativa, onde se recusa alguma coisa a outra coisa. Como Homo non est bellua [O homem não é uma fera]. O que se há-de pensar dos conceitos simples será explicado na questão.

### CAPÍTULO PRIMEIRO.

#### *Sobre os Signos*

**EM** primeiro lugar cumpre definir o nome [ὄνομα] e o verbo [ῥῆμα]; depois a negação [ἀπόφασις] e a afirmação [φάσις], a enunciação [πρότασις] e o juízo [κρίσις]. ¶ b *Os que residem na voz são signos* [σύμβολα] dos que estão na mente; e os escritos são-no daqueles que residem na voz. ¶ c *E como as letras não são as mesmas junto de todos, nem as vozes são as mesmas. Entretanto as impressões, das quais estes são primeiramente os signos* [σημεία], são as mesmas em todos os homens, pois que as coisas, cujas semelhanças elas são, também são as mesmas. Mas disto foi tratado no livro *Da Alma*, pois tal pesquisa diz respeito a uma outra faculdade. ¶ d *E tal como na alma umas vezes acontece haver conceitos sem verdade ou falsidade, e outras vezes acontece, pelo contrário, o conceito ser tal que uma das duas lhe caiba necessariamente, assim se dá o caso nos sons vocais. Pois o verdadeiro e o falso consiste na composição e na divisão. Em si mesmos, os nomes e os verbos são semelhantes, sem dúvida, ao conceito que é sem composição nem divisão, como o nome* [Album] [Branco] *ou* [Homo] [homem], *quando nada lhe é acrescentado, pois ainda não é verdadeiro nem falso, o que se comprova pelo facto de ipocentauro* [τραγέλαφος] *significar deveras alguma coisa, mas não ser nem verdadeiro, nem falso, a menos que se lhe atribua ser ou não ser, quer que seja de modo geral ou com referência a um certo tempo.*

D. Thom.  
Boetius.  
Alb. Magn

D. Thom.

Secunda  
Aristotelis  
suppositio

Tertia  
Aristotelis  
supositio

